

Festas, Festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil

Rita Amaral

Antropóloga, PhD¹

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Até pouco tempo atrás, a desvalorização do campo das atividades sociais exercidas em tempo livre², em contraposição à valorização dos aspectos relacionados ao modo de produção (trabalho formal e informal, organização política dos grupos, migração, relações raciais e de gênero etc.) repercutia na escassa produção acadêmica sobre festas populares no Brasil. Em 1988, quando comecei a estudar o conceito de festa a fim de compreender seu significado na estrutura cosmológica e social do *candomblé* (Amaral, 2001 [1992]), a situação não era muito diferente da que reencontrei em 1993, quando iniciei a pesquisa de doutoramento em Antropologia Social sobre os significados do festejar na cultura brasileira (Amaral, 2000 [1998]). Contavam-se nos dedos as teses e dissertações sobre *festas, festivais e festividades* em geral, embora o calendário oficial de festas no país, segundo dados obtidos da Embratur, apresentasse cerca de 2000 eventos anuais (Amaral, 1998: 288-354)³. Situação bastante diversa da que se apresenta hoje, vinte anos depois, quando o número de trabalhos acadêmicos sobre festas populares elevou-se e o fenômeno desperta a cada dia maior interesse das

1 - Dra. em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

2 - Não entrarei, aqui, na discussão sobre os termos lazer, ócio, diversão e outros. Veja, a respeito, os trabalhos de Martins & Aquino (2007), Muneé (1980), Russel (2002), Requiça (1977), De Masi (2000, 2001, 2003), Elias (1997), além de Dumazedier (1973, 1975, 1979, 1980), Parker (1980) e outros.

3 - Este calendário (que não inclui todas as festas do território brasileiro – apenas as incluídas nos calendários turísticos locais – e se restringe ao período de 1993 a 1998), pode ser consultado entre os anexos de minha tese, disponível na Internet, no URL: [www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/Embratur.html]

ciências sociais, da mídia, das empresas de turismo e outros. O programa do histórico II Colóquio sobre Festas e Sociabilidades, o demonstra claramente⁴.

Poucos questionam, hoje em dia, a importância das festas populares como signo e expressão de uma cultura. E mais: que tais festas englobem - dando-lhes, inclusive, o necessário sentido -, as dimensões do trabalho, da política, da economia, da religião, da comunicação e outras, permitindo, por meio de sua análise, compreender como se estrutura dada sociedade. Para a compreensão da estruturação de uma sociedade, as festas parecem, inclusive, ter uma importância semelhante à dos sonhos para análise da estruturação dos indivíduos. Os sonhos permitem conhecer muitos dos componentes do subconsciente individual que só afloram quando desaparece o controle do consciente. O mesmo se daria com o inconsciente coletivo que se expressa na festa, momento em que o controle das regras sofre importante afrouxamento⁵.

Assim, se, finalmente, estamos reconhecendo a importância dos estudos sobre as festas e nos dedicando a mapear, etnografar e compreender os muitos sentidos dos **festejares públicos e privados**, das festas no Brasil, ainda parece necessário – no atual estado da arte de nossos estudos – determo-nos na discussão metodológica de sua abordagem. Isso deve ser feito para que não caiamos no fácil equívoco de crer que descrever festas é estudá-las e compreendê-las. Embora as descrições sejam absolutamente fundamentais à sua análise, etnografar festas é um trabalho complexo que não principia – nem se esgota – na festa em si. Folcloristas descreveram centenas delas, mas como poucos se valeram de um método - e os que o fizeram poucas vezes o explicitaram -, raras vezes podemos recorrer com segurança a seus trabalhos para fins comparativos.

4 - O II Colóquio sobre Festas e Sociabilidades (CIRS/ CASO/ CEFET /UFRN) realizou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, no período de 10 a 12 de setembro de 2008. No evento houve 75 exposições sobre resultados de pesquisas, foram lançados dois livros e exibidos cinco documentários sobre festas e festividades.

5 - Veja, a este respeito, os escritos do antropólogo espanhol Demétrio Martin, sobre as festas na Espanha (Martin, 1998).

Festas, festivais e festividades

A definição de festa é polêmica em todas as disciplinas que a abordam. No entanto, isto não deveria desestimular a tentativa, por parte de cada pesquisador, de oferecer seus “*three cents*” à definição do conceito. Ou de tentar fazê-lo ao menos no que diz respeito ao seu objeto de estudo. Uma diferenciação básica entre festas, festivais e festividades poderia ser um bom início. Ultimamente, campeonatos esportivos, Olimpíadas, *Fashion Weeks*, celebrações do Estado, religiosas, empresariais e as comemorações individuais – e outros, vários, eventos – são denominados festas pelos meios de comunicação. Mas é certo que as diferenças entre O Círio de Nazaré, a *Oktoberfest*, o campeonato brasileiro, as feiras de produtores agropecuários, as Micaretas, o aniversário de alguém, os trotes dos estudantes e tantos outros eventos que se abrigam sob o termo “festa” são significativas. A dificuldade que os tradutores encontram ao verterem os trabalhos brasileiros sobre festas para outros idiomas é ilustrativa da polissemia do termo. As feiras de produtos agrícolas, como a “Festa do Ovo”⁶, realizada na cidade de Bastos, em São Paulo, a “Festa da Pinga”⁷, em Paraty, no Rio de Janeiro, não estariam mais bem classificadas na categoria dos festivais, entendidos como série de eventos e espetáculos artísticos ou esportivos que podem ou não ocorrer periodicamente? As “festas de brega”⁸, que se repetem semanalmente na cidade de Belém, no Pará, as várias Micaretas do país e eventos semelhantes não estariam mais adequadamente classificados como festividades, no sentido de que são atividades cheias de elementos festivos, mas que se diferenciam das festas em conteúdo simbólico, organizativo, participativo, cosmológico e, muitas vezes, até histórico?

6 - Bastos é conhecida pela presença maciça de imigrantes japoneses e o evento é promovido por estes que se dedicam, em grande parte, ao trabalho das granjas avícolas. Da programação do evento consta a exposição e venda, em barracas, dos ovos das granjas locais, comidas e produtos feitos à base de ovos, a exposição de aves e de implementos agrícolas, de ikebanas (arranjos florais de orientação budista), de orquídeas. Há, também, a apresentação de shows e outras atividades culturais.

7 - São montadas barraquinhas de cada dono de alambique, e este mostra seus produtos derivados da cana com o objetivo de comercializar a cachaça fabricada na região. Durante a noite acontecem shows e há muita animação. Também são expostos e vendidos os produtos típicos da terra como melado de cana, biju de tapioca, pé de moleque etc. Este festival de cachaças ocorre durante todo o mês de agosto.

8 - Bailes realizados ao som das canções “bregas” executadas pelas “aparelhagens”, estudados por Costa, 2007.

Como podemos organizar as práticas festivas a fim de compreendê-las em profundidade?

Para Durkheim (1968) e quase todos os muitos autores que o seguiram, as principais características de todo tipo de festa são: 1) a superação das distâncias entre os indivíduos, 2) a produção de um estado de "efervescência coletiva" e 3) a transgressão das normas coletivas. O filósofo Josef Pieper propôs, por sua vez, em seu trabalho "*In tune with the world: a theory of festivity*" (1965), doze características necessárias à definição de um fenômeno como **festa**. São elas: 1) excepcionalidade, 2) espontaneidade, 3) a valorização de alguma coisa perdida, 4) a significância que repousa puramente em si mesma, 5) qualidade além de quantidade, 6) contemplação, 7) renúncia, 8) esbanjamento, 9) afeto, 10) fruição, 11) memória e, 12) afirmação do mundo.

Além destes elementos que poderiam definir o que é festa, festival e festividade, os sentidos do festejar também podem constituir-se em princípios classificatórios. Para Durkheim (1968), a festa restaura, de tempos em tempos, o valor da sociedade normativa. Georges Bataille, a vê como solução mediadora do problema posto pela impossibilidade de se ser um humano sem se sentir uma "coisa" e de escapar ao limite das "coisas" sem retornar animal primitivo; a festa é a fusão da vida humana (1973). A noção de festa como fenômeno propiciador do restabelecimento da ordem por sua negação temporária é continuamente retomada por vários autores. Jean Duvignaud, contudo, não a vê como busca de regeneração ou um modo de reafirmação da ordem social vigente. Para ele, a festa é ruptura, anarquia total, poder subversivo, negador, que perpassa todas as culturas, como grande destruidor. O sentido da festa, para ele, é evidenciar a capacidade que todos os grupos humanos têm de se libertarem de si mesmos e "de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e nem forma que é a natureza". Esta força, no entanto, estaria sendo "vencida" pelo modo de produção capitalista e pelo crescimento industrial (Duvignaud, 1983: 212). No Brasil, Carlos Rodrigues Brandão, observa que seu sentido é separar o que deve ser esquecido - em silêncio não-festejado -, daquilo que "deve ser resgatado da coisa ao

símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado" (1989:8). Tomar a seu cargo os mesmos sujeitos, objetos e estrutura de relações da vida social e os transfigurar; exagerar o real. Forçar as pessoas ao "breve ofício ritual da transgressão". Estudando sete festas brasileiras de longa duração, percebi que entre nós a festa é ainda mais complexa, negando, afirmando e mediando as múltiplas dimensões da cultura e da vida social. E defini a festa "à brasileira" como mediação, como comunicação intersubjetiva de conteúdos culturais, sociais, políticos e econômicos (Amaral, 1998).

A posição privilegiada da festa como fenômeno universal, converte-a em modelo de investigação antropológica. Como os fonemas na linguagem, do mesmo modo que os termos do parentesco, os elementos da festa são elementos de significação e, como eles, só adquirem esta significação participando de um sistema. Em uma ordem distinta de realidades (como diria Lévi-Strauss), os fenômenos da festa são do mesmo tipo dos lingüísticos. Claro que não se trata de transpor a análise estruturalista de modo fechado para a antropologia da festa, mas de que podemos utilizar seu modelo para compreender o sentido deste fenômeno universal. Ou seja: trata-se de estabelecer uma analogia. De buscar as relações entre o universo do discurso sobre a festa e a realidade não verbal; entre o pensamento e as coisas, entre a significação e a não-significação. Entre a celebração e o silêncio. Assim, e como a característica básica de toda mediação é ser engendrada pelo mito e conciliar o inconciliável, pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e da cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. A festa é, ainda, mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado, presente e futuro, entre "nós" e os "outros", revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma.

Como se vê, há várias proposições a serem estudadas e comparadas a fim de aprimorar e definir um conceito e categorias de festa. Este é um trabalho por fazer, que exige a comparação de um volume significativo de dados que devem ser coletados de modo a permitirem tal procedimento e para os quais os estudos dos milhares de eventos festivos brasileiros muito podem contribuir.

Métodos e técnicas de pesquisa sobre festas: algumas considerações

Para se definir se o que estamos estudando é uma **festa**, um **festival**, uma **festividade** ou outra categoria de evento é preciso empreender a pesquisa e a análise em duas dimensões que se complementam: a diacrônica, mostrando o desenvolvimento da festa no tempo, e a sincrônica, dando conta dela em um dado momento histórico e que – mais do que isso – se relacione a ele. O estudo da gênese e desenvolvimento de cada festa desde suas mais remotas referências documentadas possibilita a compreensão dos sentidos e simbologias que elas carregam. Esse fenômeno de comunicação do espírito coletivo se mostra, muitas vezes, refratário à compreensão de seus códigos devido às confusões criadas pelo intercâmbio e pelos processos transformativos da festa, assim como pelas diversas influências recebidas em diferentes épocas e que foram se acumulando historicamente. A confluência de ambas as dimensões de investigação pode se mostrar sugestiva e reveladora. Em seguida devemos considerar que toda festa, como expressão coletiva que é, exige um projeto organizativo mínimo, Varias pessoas⁹ precisam estabelecer um acordo para satisfazer as condições necessárias à realização da festa, cobrir seus custos e encarregar-se dos contatos e ações específicos. Uma constatação bastante evidente é a dos diversos níveis de complexidade das festas relacionados diretamente com o número de habitantes do lugar e, também, com a riqueza do evento. Uma localidade pode ter menos habitantes, mas ser mais próspera

9 - Não me refiro, aqui, às festas privadas; apenas às festas abertas ou públicas.

que outra. Não se deve esquecer, ainda, de observar a atitude comunitária com respeito aos custos financeiros festivos, pois grupos com mais recursos, mas ao mesmo tempo mais austeros economicamente que outros, pode ter festas diferentes. Postas tais questões, podemos notar uma complexidade gradativa, que vai desde a mera celebração religiosa à festa anunciada com fogos e tendo como centro um evento como missa ou procissão com a imagem do patrono, uma coroação, uma encenação; ela se amplia com alguma competição que culmina em danças e repasto coletivo e termina com algum tipo de espetáculo ou fogos de artifício. No ponto mais alto dessa escala temos os complexos festivos que se desenvolvem ao longo de vários dias com diversas atividades religiosas e profanas¹⁰. Embora estudos posteriores possam subdividir cada um destes três níveis, basta, por enquanto, dizer que o mais comum, no Brasil, é o segundo.

Para o estudo sincrônico/diacrônico das festas atuais no Brasil, poderíamos discutir a seguinte primeira tentativa de classificação:

Sacro-profanas: a imensa maioria em nosso país; festas com conteúdo mítico-religioso de base, envolvendo festejos profanos que ganham alta relevância na festa, como o Natal, as festas de São João, São Pedro e Santo Antonio, o Círio de Nazaré de Belém (PA), o Festival de Parintins (AM), o *Tanabata* (Festa das Luzes) dos japoneses em São Paulo (SP), festas étnicas comemorando um santo patrono de origem – como *Saint Patrick* na festa irlandesa em que se come, bebe, canta e dança à moda irlandesa, assim como fazem os italianos com *Madonna Achiropita*, Santa Lucia, São Vito Mártir e Santo Emídio, todas em São Paulo (SP) –, *Halloween* e outras.

Sagradas: festas com de conteúdo mítico-religioso de base, com poucos elementos profanos, como, por exemplo, as festas do Divino Espírito Santo, as dos Reis Magos, Chanucá, Ramadã, Páscoa, festas de santos padroeiros, de Iemanjá e muitas outras.

10 - Na categoria das festas de maior complexidade percebe-se clara influência do modelo processional reelaborado do desfile de Carnaval carioca (desfile de carros alegóricos, alas representativas dos grupos sociais que partilharam a história da festa, fantasias etc.). Este modelo vem sendo apropriado por outras festas, como o São João de Caruaru (em Pernambuco), a Oktoberfest (em Santa Catarina), o Festival Folclórico de Parintins (Amazonas) e outras.

Profanas: festas populares sem conteúdo sagrado de base, como os carnavais¹¹, a Oktoberfest de Blumenau (SC), a Festa Nacional de Atiradores – Fenatiro – de Joinville (SC), as Festas de Peão Boiadeiro, o *Réveillon* (Ano Novo), festas cívicas, festas étnicas, festas de ritos sociais privados.

Festivais: eventos envolvendo a exposição de produtos, muitas vezes associados ao domínio técnico de sua produção por um determinado grupo étnico, que elege uma representante anual (rainha, rei e/ou princesas) para divulgar o produto e o evento (como na Festa Pomerana, em Pomerode (SC), o Festival da Imigração Alemã, em Domingos Martins (ES)), oferecendo shows e atrações lúdicas aos visitantes, realizando desfiles e competições (como a Festa do Caju – Cajufest (CE), a Marejada (SC), a Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul (RS), Festa das Flores, e centenas de outras) nos quais a participação dos convidados é permitida e estimulada, mediante a compra de entradas, tickets, canecas etc.

Festividades: atividades de cunho lúdico, sem o sentido mítico-religioso e histórico-social das festas e cuja fruição independe do domínio de códigos, de pertencimento ou do conhecimento da história local. Em geral são elementos constitutivos das grandes festas (bailes, desfiles, uso de fantasias e máscaras, distribuição/venda de comida típica), que aparecem isoladamente como forma de comemoração ou diversão, como as micaretas, os banquetes e bailes comemorativos, as “festas de brega”, as comemorações de rua (como, por exemplo, as “festas de largo”), as “verduras” *vegan* etc.

Um dos métodos para tentar encontrar as chaves interpretativas da simbologia festiva pode ser a observação de semelhanças e diferenças entre os festejos de diversos espaços geográficos, ao mesmo tempo em que isolamos as peculiaridades concretas de cada universo festivo e estabelecemos categorias formais dos múltiplos tipos que as

11 - Os mais claros exemplos da busca de uma expressão popular de crítica e de anseios - além da busca de diversão, é claro -, embora a data em que aconteçam se relacione a razões religiosas (sendo a antítese da Quaresma) praticamente abandonadas na atualidade.

compõem. Para esta tarefa é imprescindível empreender investigações comparativas, que permitam desvendar a composição da estrutura festiva, etapa inicial da constituição de uma antropologia da festa.

Se aceitarmos a proposição de realizar estudos comparativos, uma consequência metodológica será admitir as vantagens do uso de uma ficha-modelo comum, que uniformize a disposição dos dados, facilitando seu manejo e sua análise. O maior problema será convencer os pesquisadores de sua utilidade a fim de que a admitam e utilizem, mas esta dificuldade, também observada por Martin, que propõe documento semelhante para o estudo das festas ibéricas (1998), depende dos indivíduos e não da dimensão teórico-metodológica.

Obviamente, dados de maior fiabilidade se obtêm observando as festas pessoalmente, seguindo, em importância, as descrições e análises publicadas em teses, livros, periódicos e documentários acadêmicos, além dos depoimentos diretos dos participantes. Mas um bom começo pode ser o levantamento e a catalogação da bibliografia e da documentação (podem ser consultados os programas das festas - que em geral não se cumprem totalmente ou ignoram detalhes de alto interesse etnográfico¹² -, documentários, fotografias, cartazes, convites, cardápios, e as notícias na imprensa). Finalmente, as permissões administrativas locais também podem oferecer alguns dados sobre a festa em questão. Este material, uma vez ordenado, permitirá comparações eficazes com outras festas, iguais ou semelhantes, no espaço e no tempo. Uma ficha catalográfica para cada festa, como a proposta a seguir, ajuda a manter a comparabilidade em termos de estrutura, simbologia e custos de cada festa.

Este questionário, para cuja elaboração utilizei como referências o meu próprio, organizado para a pesquisa de doutoramento, os de Hoyos (1935), Martin (1998) e Guastavino (1969), consta de duas partes informatizáveis em qualquer software de banco de dados. A primeira propõe o levantamento de um calendário festivo da

12 - Fato também observado por Martin a respeito das festas espanholas.

localidade (quantas, quais, quando) onde se pretende estudar uma determinada festa. Ela auxiliará a termos noção da relação de uma dada população com o festejar e daquela celebração particular com o que poderíamos chamar de “sistema da festa” ou, pensando em Bourdieu, de “campo festivo” local, nacional, global. Esta primeira parte também pode ajudar a avivar a memória dos entrevistados quando pedimos a eles que nos auxiliem a elaborar um calendário das festas locais, incluindo as desaparecidas de que se recordem.

Exemplo:

I. CALENDÁRIO FESTIVO DA LOCALIDADE

Festas Sacras e Sacro-profanas

Festa de Reis [data ou período]

São Sebastião [data ou período]

São Paulo [data ou período]

Páscoa [data ou período]

Candelária [data ou período]

Halloween [data ou período]

São Jorge [data ou período]

Festa da Primavera [data ou período]

São Isidro [data ou período]

Nossa Senhora [data ou período]

Natal [data ou período]

Festa de Iemanjá [data ou período]

São João [data ou período]

São Pedro [data ou período]

Santo Antonio [data ou período]

Dia dos Mortos [data ou período]

Festa do Divino [data ou período]

Festas Profanas

Réveillon [data ou período]

Carnaval [data ou período]

Carnaval [data ou período]

Dia da Árvore [data ou período]

Ano Novo [data ou período]

Dia dos Pais [data ou período]

Dia da Criança [data ou período]

Comemorações históricas locais

Fundação de Fictícia [data ou período]

Independência do País [data ou período]

Dia da Bandeira [data ou período]

Festas de ofícios ou profissões

Festa dos Pescadores [data ou período]

Festivais de exposição de produtos

Festa da Laranja [data ou período]

Festividades sacras, profanas e sacro-profanas

Folia do Divino [data ou período]

Romaria a Pirapora [data ou período]

Baile de Mascarados [data ou período]

Excursão a Aparecida do Norte [data ou período]

Baile dos Namorados [data ou período]

Feijoada dos Ímpares [data ou período]

Outras festas [data ou período]

Na segunda parte desta ficha catalográfica anotam-se dados concretos sobre a(s) festa(s) estudada(s): data, nome, local onde são realizadas, origens e variações históricas, classificação de acordo com a tipologia proposta, descrição de seus elementos ou componentes tais como procissões, comitivas, pregões, comitês, confrarias, cantos, danças ou bailes, música, jogos, competições, lutas, emprego do fogo, água e terra, coletas, oferendas, rifas, distribuições, comidas e banquetes, trajes e fantasias, papéis masculinos, femininos e infantis na festas, máscaras (quais, quem usa,

quando, como e por quê). Transformações ou desaparecimentos da festa (que elementos foram abandonados e por quê; que elementos foram introduzidos e por quê). Bibliografia e documentação existentes e sua localização. Este questionário pode ser utilizado, ainda, como apoio para a elaboração de entrevistas abertas.

Exemplo:

II. FICHA DA FESTA

Número da Ficha:

Festa de .[nome da festa].

Nome popular:

Localidade:

Município:

Número de habitantes:

Ano do censo consultado:

Data da celebração:

(Se a data mudou, informar também a data anterior):

Acontece em dias úteis [] ou feriados []:

Se não existe mais, ano em que deixou de acontecer:

Origem histórica ou legendária da festa:

Transformações experimentadas pela festa:

Se é acompanhada de feira comercial (pecuária, agrícola...):

Provérbios e lendas relacionados com a festa:

Costumes associados à celebração:

Outros:

Distribuição temporal dos principais eventos da festa:

Evento:

Dia:

Período: Manhã [] Tarde [] Noite []

Evento:

Dia:

Período: Manhã [] Tarde [] Noite []

(repetir para cada evento)

Procissões

Imagens que saem e descrição delas:

Personagens, animais e objetos e autoridades que participam da procissão:

Ordenamento do séquito:

Percurso da procissão:

(se mudou, percurso anterior e em que ano mudou):

Romarias

Local de destino:

Distância do núcleo urbano:

Meio de transporte:

Corporações presentes.

Participantes [convidados, visitante] de outras localidades.

Visitas a Santuários

Nome do Santuário:

Situação geográfica:

Data de construção:

Origem histórica, mítica ou lendária:

Proprietário (se for particular).

Tipos de ex-votos que abriga.

Eventos sacro-profanos

Bênçãos (pessoais, animais, objetos):

Oferendas; sacrifícios:

Distribuições (alimentos, objetos etc.); reza de terços, pagamento de promessas;
entrega de ex-votos:

Personagens fantasiados ou com trajes especiais

Gigantes, diabos, kazumbás, monstros, mouros etc.:

Nomes com que são conhecidos:

Se são humanos [] ou bonecos []:

Descrição de suas indumentárias:

Ações que realizam ou sofrem:

Se eles representam crítica ou sátira social:

Representações Públicas

(Autos, pastoris, cavalhadas, reisados, paixões, pregões, leilões, enterros, raptos, mouros e cristãos, lutas, ações sobre imagens...)

Cenário e decoração:

Resumo das atuações da representação:

Falas de tradição oral ou literária (recolher texto):

Dados históricos conhecidos sobre a representação:

Aspectos Musicais

Instrumentos musicais utilizados:

Se são artesanais ou industrializados:

Composições musicais tradicionais (sempre que possível, registrá-las e gravá-las).

Se há improvisos (repentistas, emboladores, trovadores, seresteiros etc.)

Se há grupos musicais, se são organizados ou espontâneos.

Se há hinos da festa:

Canções (recolher letras e se possível, gravá-las).

Danças

Tipos de danças rituais:

Quem as dança:

Em que momento:

Descrição dos figurinos e da coreografia realizada:

Bailes

Lugar onde se realizam (ruas ou praças, recinto municipal, locais privadas...):

Custo da entrada:

Tipo de bailes mais comuns:

Presença de animais

Reais (tração, montaria, corridas, encenação):

Simulados (de pano, de papel, simbólicos):

Atuação:

Intervenções de outros animais reais (cães, pombos, cavalos, galos, porcos...):

Atuação:

Simulados (dragões, pássaros, peixes ...):

Atuação:

Eleições:

Rainha, rei, princesas, madrinha...:

Jogos, concursos e brincadeiras públicas

Esportes e exibições físicas

(cortar troncos, subir no pau-de-sebo, beber/comer em grande quantidade etc.)

Espectáculos e diversões culturais

(shows, esquadilha da fumaça, pirotecnia):

Elementos significativos

Presença de água, fogo e terra (circunstâncias)

Árvores ou outra vegetação

Fogueiras, tochas e luminárias.

Bandeiras, pendões, estandartes (descrição, uso, quem porta, (circunstâncias)

Adornos especiais (cruzes, altares, tapetes, colagens, carroças pintadas e enfeitadas...)

Pólvora (disparos, girândolas de fogos, lanças de fogos, outras pirotecnias).

Objetos com função festiva (bastões, arados, barcas...).

Gastronomia

Especialidades gastronômicas da festa.

Cardápio geral:

Lugar e momento das refeições comunitárias:

Modo de custear as despesas com alimentos e bebidas:

Cozinheiros e ajudantes (quem são; como se escolhem):

Manjares e bebidas dos repastos comunais (coletar receitas, sempre que possível):

Distribuição gratuita de alimentos e/ou bebidas (pães, doces, fruta, pipocas...):

Organização

Grupo que se encarrega do evento:

Modo de pertencer ao grupo:

Cargos diretivos, modo de eleição e tomada de posse:

Antigüidade do grupo:

Relação com entidades religiosas e civis:

Rivalidade entre grupos (confrarias, irmandades...):

Financiamento da festa

(Coletas, subscrições de listas, leilões, bazares, rifas, rifas, multas...)

Empresas, comércio, prefeitura

Gêneros e papéis na festa

Intervenções femininas na festa:

Intervenções masculinas na festa:

Intervenções infantis na festa:

Inversão de papéis sexuais:

Participação importante de

Grupos de idade (jovens, adultos, idosos...):

Grupos de afinidade (times, maltas, grupos de ofícios, associações):

Área de atração da festa

(grupal, local, regional, nacional, internacional):

Fontes de informação disponíveis

Escritas: arquivos, livros, revistas, folhetos, programas...

Orais: Interlocutores em campo:

Nome

Sexo

Idade

Profissão

Lugar de nascimento

Lugar de residência.

(repetir para cada entrevistado)

Atividades econômicas locais

Produção agrícola e época de colheita:

Pecuária:

Industrial:

Se há migração, épocas de saída e regresso:

Artesanato:

Outras:

Redator da ficha:

Documentação imagética e sonora coletada:

Localização:

Local e ano em que os dados foram coletados:

Local e data de conclusão desta ficha catalográfica:

Essa tentativa de organização dos dados sobre o campo festivo é, como se pode notar, ainda elementar. As categorias classificatórias, evidentemente, se interpenetram, podem ser agrupadas, desmembradas, descartadas, aprimoradas¹³. Muitos esforços serão necessários, ainda, para desenvolvermos ferramental técnico e teorias capazes de nos auxiliarem a compreender os muitos sentidos do festejar no Brasil; o que, certamente, será útil ao desenvolvimento do conhecimento antropológico do campo festivo e da sociedade brasileira.

13 - Um grupo virtual de discussão acadêmica do tema entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o “*Festum*”, foi criado para este fim. Para subscrevê-lo basta enviar um e-mail dizendo que festa ou aspecto dela o pesquisador investiga para festum-subscribe@yahoogrupos.com.br

Bibliografia

- Alves Júnior, Edmundo, & Melo, Victor Andrade de. *Introdução ao lazer*. Manole, São Paulo, 2003.
- Amaral, Rita. *Festa “à brasileira” – sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado em Antropologia Social defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. [Disponível para *download* gratuito na Internet em www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/RITAAMARAL-TESEPDF.zip.] Publicada em *e-book* pela editora e-BooksBrasil.Com, São Paulo, 2001 [também disponível para *download* gratuito na Internet em www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festas.exe].
- Amaral, Rita. *Xirê! O modo de crer e de viver do candomblé*. Pallas Editora, Rio de Janeiro, 2002.
- Bataille, Georges. *Theorie de la religion*. Gallimard, Paris, 1973.
- Costa, A. Maurício Dias da. *Festa na cidade – o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Ed. Artimprensa, Belém, 2007.
- Chianca, Luciana. *A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX*. UFRN, Natal, 2006.
- De Masi, Domenico. *O ócio criativo*. Sextante, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *A economia do ócio*. Sextante, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *O futuro do trabalho: Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial* (Y. A. Figueiredo, Trad., 7a ed.). Sextante, Rio de Janeiro, 2003.
- Durkheim, Émile. *Les formes elementaires de la vie religieuse*. PUF, Paris, 1968
- Dumazedier, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Perspectiva, São Paulo, 1973.
- _____. *Questionamento teórico do lazer*. SESC, São Paulo, 1975.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. Perspectiva, São Paulo, 1979.
- _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer* (R. M. Vieira, Trad.). SESC, São Paulo, 1980.

- Duvignaud, Jean. *Les ombres collectives*. PUF, Paris, 1973.
- _____. *Festas e civilizações*. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1983.
- Guastavino, Guillermo. “Las fiestas de moros y cristianos y su problemática” In: *Colección Monográfica Africana*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1969.
- Hoyos, Luis de. “Cuestionarios especiales de etnografía y folklore” In: *Anales del Museo del Pueblo Español*, tomo I, Madrid, 1988 [1935], 2ª. ed.
- Magnani, José Guilherme C. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.
- Martin, Demetrio E. B. “Hacia un análisis de las fiestas de Granada” In: *Gazeta de Antropología* n. 1, Madrid, 1982.
- Martins, José Clerton de Oliveira & Aquino, Cássio Adriano Braz. “Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho” In: *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Vol. VI, nº 2, Fortaleza, set/2007 (pp.479-500).
- Muneeé, Frederic. *Psicossociologia del tiempo libre*. Trillas: Barcelona, 1980.
- Parker, Stanley. *A sociologia do lazer*. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
- _____. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. SESC, São Paulo, 1980.
- Pieper, Joseph. *In tune with the world: a theory of festivity*. (Richard Winston & Clara Winston. Harcourt, Trad.), Brace and World, New York, 1965.
- Requixa, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- Russell, Bertrand. *O elogio ao ócio*. Sextante, Rio de Janeiro, 2002.
- Sant'Anna, Denise B. *O prazer justificado; História e lazer – (São Paulo, 1969/1979)*. Marco Zero/MCT-CNPq, São Paulo, 1994.